

Stadium

N.º 340

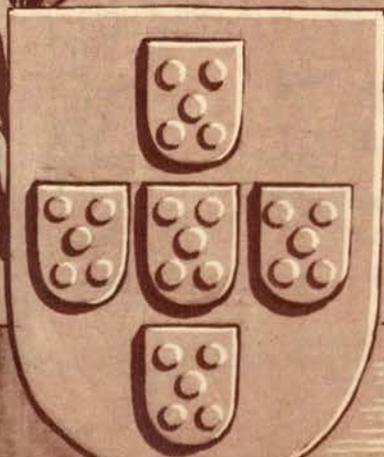
8 de Junho de 1949

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



Pela 3.ª vez consecutiva! Do Mundo e da Europa! Portugal desportivo confiava na sua admirável equipa. Todos os adversários, os mais valorosos, baixaram bandeira na frente da nossa selecção, a quem prestamos a merecida homenagem. Honra à equipa de Portugal!



Campeões do
MUNDO

Os hóquistas de Portugal continuam campeões do Mundo!

Triunfo brilhante e absoluto da equipa lusitana em luta animadíssima com as melhores turmas estrangeiras da modalidade

(Comentários de JORGE MONTEIRO)

(Continuação da pág. 9)

Foi, na realidade, uma equipa de verdadeiros campeões!

A superioridade patenteada por eles em relação à das outras turmas — com evidência para as da Itália e Inglaterra — foi nítida e absoluta. E pela primeira vez a equipa de Portugal não foi batida — nem mesmo no desafio contra o Resto...

Em suma: triunfo completo e em toda a linha.

Há dois anos, também no Pavilhão dos Desportos, ganhou se o primeiro campeonato do Mundo só com vitórias — mas o encontro Portugal-Seleção terminou empatado!

Desta feita, porém, ninguém pode resistir ao voluntarioso e brilhante conjunto dos hóquistas de Portugal...

As 28 partidas — repartidas por sete jornadas seguidas — forneceram os resultados seguintes:

- 1.º dia: Itália-Holanda, 12-0; Espanha-Suíça, 2-0; França-Inglaterra, 5-1; Portugal-Bélgica, 3-1.
- 2.º dia: Bélgica-França, 2-2; Inglaterra-Holanda, 7-0; Itália-Suíça, 7-3; Portugal-Espanha, 6-2.
- 3.º dia: Espanha-Holanda, 9-0; Bélgica-Itália, 3-1; Inglaterra-Suíça, 3-3; Portugal-França, 8-1.
- 4.º dia: Itália-França, 5-1; Bélgica-Holanda, 4-0; Espanha-Inglaterra, 5-2; Portugal-Suíça, 3-0.
- 5.º dia: Suíça-Holanda, 5-2; Espanha-França, 8-6; Inglaterra-Bélgica, 3-1; Portugal-Itália, 5-2.
- 6.º dia: Suíça-França, 6-5; Espanha-Bélgica, 2-1; Inglaterra-Itália, 4-4; Portugal-Holanda, 9-1.
- 7.º dia: França-Holanda, 5-2; Bélgica-Suíça, 7-2; Itália-Espanha, 4-2; Portugal-Inglaterra, 5-1.

Classificação final:

	J.	V.	E.	D.	Golos	P.
1.º Portugal	7	7	—	—	39-8	14
2.º Espanha	7	5	—	2	30-19	10
3.º Itália	7	4	1	2	35-18	9
4.º Bélgica	7	3	1	3	19-13	7
5.º Inglaterra	7	2	2	3	21-23	6
6.º França	7	2	1	4	25-32	5
7.º Suíça	7	2	1	4	22-29	5
8.º Holanda	7	—	—	7	5-54	0

A equipa lusitana — é conveniente acentuar — não teve adversário à altura da sua categoria. Espanha, Itália, Bélgica, Inglaterra, França, Suíça e Holanda — todas as nações! — caíram irresistivelmente ante o poderio (cada vez mais firme à medida que o torneio decorria...) revelado pelos hóquistas portugueses.

A multidão que encheu durante sete noites o recinto do Parque de Eduardo VII vibrou intensamente com o feito dos desportistas lusos — sem esquecer, claro está, a consideração devida às equipas es-

trangeiras. E houve desafios que empolgaram a assistência — principalmente aqueles em que interferiram espanhóis, britânicos, belgas e holandeses.

Jesus Correia e seu primo Correia dos Santos — dois verdadeiros «diabos...» — foram os melhores obreiros do triunfo alcançado pelo hóquei português. À sua conta marcaram 29 dos 39 golos da equipa! Quase todos... Jesus Correia fez 12 (tem, no conjunto, 89 dos 321 cbidos pela selecção nacional nas suas 82 partidas!) e Correia dos Santos obteve 17 — ficando com 84 na totalidade: à beirinha de igualar (ou destronar) o *récord* do seu companheiro.

Mas para o espanhol Bassó — um homem que veio a Lisboa na situação de suplente, e, passando à efectividade, por incapacidade de Vallmejó, acabou por ser o *Joker* da competição — foram as palmas do melhor marcador. Fez 20 golos! O francês Leporeq igualou (com 17) o nosso Correia dos Santos — e o italiano Poser seguiu-se-lhe com 13 tantos.

Depois de Jesus Correia — 5.º no quadro de rematadores — figuram: Bertuzzi (italiano) e Goodall (inglês) — ambos com 10 golos marcados; os irmãos Pierre e Marcel Monney (suíços) e o belga Verwoedt — com 9; Panaginni (italiano) com 7; o espanhol Trias (6) e ainda — todos com 5 — o nosso Edgar Bragança, o italiano Cergol, o inglês Phippard, o belga Huyghe e o francês Marquis.

Evidentemente que, para disputar uma competição destas, dura e durante a qual quase não há repouso, são necessários atributos especiais de desportistas. Nem todos resistem — tanto assim que alguns desistiram...

Foi o caso, por exemplo, de Poser, Nadal, Stumbe e Rogers.

E houve também «vítimas»: Sidónio — que somente pôde de frontar a Espanha — e o francês Beaubéguie, aquele devido a um acidente imprevisto e este por ter fracturado um pé.

Mas, em contrapartida, há os «heróis» da prova! Foram os homens que estiveram sempre na liça e se distinguiram mais do que os outros.

Rato e Emidio — dois portugueses bravíssimos — figuram no primeiro plano; no plano dos melhores e mais categorizados jogadores do torneio.

O defesa do Hóquei de Sintra — quanto a nós e até segundo a opinião da maioria dos seus adversários — foi o n.º 1 do torneio.

Mas o *keeper* do Paço de Arcos quase o igualou...

Leonel Costa — um veterano das lides hóquísticas — disse-nos (e acreditamos na sinceridade da sua autorizada opinião) que Emidio Pinto estava presentemente tão bom como Adrião na sua melhor forma.

O ruivo belga Verwoedt, filho de um outro jogador da mesma nacionalidade e do mesmo nome que é do tempo das nossas equipas de há mais de 10 anos, assim como o italiano Cergol, os suíços irmãos Manneys (principalmente Pierre) e o belga Cossaer, distinguiram-se igualmente.

Mas não se olvidem os nomes, por exemplo, dos veteranos ingleses Walters e Goodall, do próprio Bogart, outro «velhote», dos espanhóis Serra e Nadal, dos italianos Grassi e Bertuzzi e até do pesadão Poser, dos franceses Marquis, Gonzalo, Grandchamp e Marchand, do inglês Mercer e ainda dos jovens Panaginni — um jogador que muito se assemelha, em voluntariedade, aos portugueses — e Wemmers.

Edgar, com o encargo da substituição de Sidónio, cumpriu satisfatoriamente e foi de notável regularidade.

Que dizer de Jesus Correia e Correia dos Santos? Bastará citar-se que eles «encheram» o Pavilhão com a sua alegria e dinamismo e empolgaram muitíssimos entusiastas, espectadores. E de Oliverio — para nós o praticante português de mais classe depois

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone. 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

de Adrião e Leonel — refira-se que foi (e é...) o «exto» ideal — que até fez de *k eper* quando Emidio se feriu na vista!

Vai longa esta série de simples comentários — assim em tom de mera conversa com o leitor — e, por isso, temos de encerrar a sessão... Mas, antes, confessemos o nosso inteiro júbilo e íntimo contentamento por mais esta vitória do hóquei português. Nós, de resto, nunca descremos...

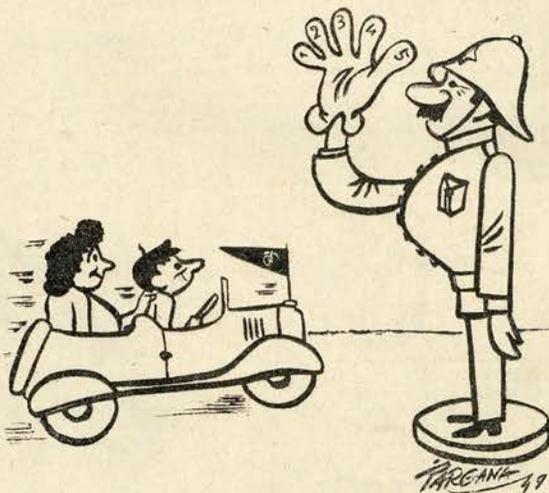
A confiança ilimitada (e porque não havia de ser assim?) nos hóquistas lusos teve plena e justificada confirmação.

Mais uma vez se ganhou — e que bem se triunfou, afirmando classe, superioridade, categoria — num conjunto de muito boas qualidades que honraram o desporto nacional.

Sempre ouvimos dizer que... não há duas sem três! A regra confirma o facto — e Portugal é Campeão do Mundo pela terceira vez consecutiva. Hemos, evidentemente, de estar satisfeitos — festejando o triunfo como ele merece.

De desejar, porém, que as vitórias constantes do hóquei lusitano tenham a chamada «solução de continuidade» — e, por último, espere-se que, em Roma possa repetir-se o triunfo.

A «graça» da semana



— Cuidado Zeca, olha que mandou parar...
— Não é. O que ele está é a indicar os «golos» que o Benfica marcou em... Setúbal.

Dois jogos oficiais e um particular Benfica e Atlético finalistas da TAÇA O Sporting venceu o campeão da Bélgica

ESTÃO encontrados os finalistas da «Taça»: Benfica e Atlético. Os encarnados foram a Stúbal buscar uma bela vitória, pois 5-0 no campo dos Arcos mereceu o devido realce.

Os benfiquistas principiaram o desafio com algumas apreensões, e os setubalenses mantiveram-se durante largo tempo em posição ameaçadora. Mas quando o Benfica acelerou o andamento, os vitorianos cederam vivelmente e tudo ficou resolvido num repente. O facto de ter sido Corona autor de 4 dos 5 golos, coloca o jogador benfiquista em plano de muito relevo. Não joga mal quem marca maioria tão esmagadora de golos.

Pode o Vitória ter desculpa no facto de não jogar Rendas, um avançado que costuma pontar todo o jogo da sua equipa. Rogério, a despeito da sua classe, não fez tanta falta no conjunto do Benfica.

A segunda parte do desafio revelou a nítida superioridade benfiquista. O calor, segundo parece, perturbou mais o grupo de Setúbal que o de Lisboa, mais bem preparado para suportar todas as contrariedades próprias da mudança de temperatura.

Assistiremos, finalmente, ao último jogo oficial entre dois grupos de Lisboa. Como várias vezes tem acontecido...

Eis como alinharam as equipas:
V. Setúbal — Baptista; Armindo, Primo e Figueiredo; Pina e Jacinto; Passos, Campos, Inácio, Cardoso Pereira e Vasco.
Benfica — Contreiras; Jacinto, Félix e Fernandes; Moreira e F. Ferreira; Corona, Arsénio, Espírito Santo, Melão e Vítor Baptista.
Árbitro — Adriano Gonçalves, de Coimbra.

VEIO até nós o Anderlecht, campeão da Bélgica. Jogou no domingo contra o Sporting e apresentar-se-á hoje contra o Belenenses. Os campeões de Portugal ganharam por 4-1, e diga-se que se exibiram muitas vezes bem durante o jogo, mas especialmente na segunda parte, a despeito de ter saído Travaços perto dos 20 minutos de desafio.

A equipa belga não nos desagradou. Sentiu bastante o dia de extraordinário calor que atacou Lisboa, vendo-se várias vezes surpreendida pela superioridade leonina no tocante a velocidade. Vários jogadores de classe possui o conjunto que nos visitou. O guarda-redes tem extraordinário valor, merecendo bem as palmas do público. O defesa central, médio direito, avançado centro e lado esquerdo do ataque, — admiráveis. O conjunto ressentiu-se, como já dissemos, do calor do dia. Não pôde acompanhar o Sporting.

A formação liboeta fica excelentemente a vitória. Foi a melhor equipa no terreno, sem dúvida, e alguns jogadores, como Canário, Travaços, Albano (a interior), Marques, Juvenal e Vasques (principalmente no golo

marcado), exibiram-se com muito agrado.

Os belgas jogaram e m bastante dura. Fisicamente fortes, magoaram intencionalmente, com desculpas por parte da arbitragem.

Compareceu Jesus Correia na equipa do seu clube, facto que foi vivamente aplaudido pelo público. Jesus Correia, a despeito de haver marcado um belo golo, acusou naturalmente o esforço produzido no campeonato mundial de hóquei em patins. Todavia — deve aplaudir-se a sua boa vontade, que oxalá o não prejudique.

As linhas:
Sporting — Azevedo; Soeiro, Manuel Marques e Juvenal; Canário e Veríssimo; Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travaços e Albano.
Anderlecht — Meert; Mathys, Dewageneire e Vaillant; Valet e Vermimmen; Dewale, Mertens, Mermans, Van Varenbergh e Sermon.

Árbitro — Filipe Gameiro Pereira.

TEMOS a briosa Académica novamente na 1.ª Divisão Nacional. Palmas ao seu belo esforço. A equipa coimbrã venceu no jogo decisivo o Portimonense por 2-1. Conquistou, portanto, o campeonato da 2.ª Divisão Nacional, e subiu automaticamente, substituindo o Boavista.

O triunfo assenta-lhe bem. Os estudantes jogaram mais, e se não fosse o bom trabalho de Afonso, guarda-redes portimonense, talvez o resultado fosse mais expressivo. Valeu o jogo pela vontade que os jogadores dos dois grupos revelaram. Tratava-se, evidentemente, de um encontro de campeonato.

As equipas:
Académica — Capela; Branco, Diogo e Brás; Castela e Azeredo; Pacheco Nobre, Gomes, Garção, Leite e Bentes.
Portimonense — Afonso; Jorge, Luz I e Vicente; Nunes e Grana-deiro; Luz II, Jesus, Gilberto, Delfino e Pascoal.

Árbitro — Augusto de Oliveira Machado, de Lisboa.

ALVAREZ e SILVANO

foram os vencedores do Concurso de Ginástica Olímpica no G. C. P.

O Ginásio, no intuito de dar maior incremento à ginástica olímpica dentro do clube, fez repetir este ano entre os seus ginastas, o Concurso de Ginástica de aparelhos.

Esta prova despertou mais interesse do que a anterior, pois os rapazes que foram a Casablanca sentiram a obrigação moral de mostrar as suas reais possibilidades e competir entre si para a supremacia do melhor e os que não tiveram essa felicidade também não deixaram de apresentar-se, pois depositam confiança numa futura internacionalização...

Seria interessante todavia que estes concursos não se fizessem apenas com a «prata da casa», mas sim pudessem estender-se a outros clubes, para apurar-se o campeão de Portugal de ginástica de aparelhos, assim como a melhor equipa.

Até aqui a inclusão do «cavalo d'arção» nas provas do concurso, foi um dos motivos que fizeram desanimar os concorrentes; no entanto os rapazes já se vão acclimando, e até gostando deste aparelho.

A persistência é uma qualidade que tem que acompanhar todo o ginasta e no «cavalo» mais do que em qualquer outro aparelho. Enquanto não se automatizar o ritmo, o êxito não aparece.

Nos restantes aparelhos já se observam exercícios de certa categoria: assim, nas paralelas, o mortal para frente e o salto d'eixo subindo para pino de Vitória; a «cap-volta» dorsal e a cambiada com saída em rodado de Alvarez; o mortal para traz com os pés em apoio, do Amaral, agradaram.

Nas argolas a correcção dos jovens Nunes da Silva e Lourenço e duma maneira geral o trabalho de Alvarez, Vitória, Amaral e Gomes. Jardim evidenciou-se na sua deslocação à frente, subida de balanço e deslocação atrás, prova da sua categoria de ginasta. E' pena enervar-se com facilidade. As saídas, no entanto, neste aparelho, são relativamente fáceis para a categoria do exercício.

A inclusão do jovem ginasta Santos, não nos pareceu acetilável, pois além de ser um principiante

ainda não tem pericia para competir com os restantes ginastas. Teria possibilidade de se classificar bem na sua verdadeira categoria. Parafraseando o ditado direi que «não é por muito madru-gar que amanece mais cedo».

Nos saltos do «cavalo», Alvarez impôs-se, assim como Amaral e Jardim. A impulsão na prancha de chamada é ótima.

Nos exercícios a «mãos livres», a correcção e souplesse de Alvarez. Assim, as suas pranchas laterais e posições arqueadas, os sliik flak para a frente de Santos e os de Amaral para traz, foram bem executados.

Nunes da Silva mostrou que os exercícios simples, bem feitos, são um regalo para a vista; o seu ritmo é bom.

Gomes poderá melhorar quando conseguir dominar as suas energias, trabalhando mais descontraído.

Na barra fixa, Amaral com gigantes parcial e dorsal e cambiados com saída de mortal com pés em apoio na barra, esteve bem.

Os gigantes de Vitória, sobre tudo o facial foi correcto; no gigante dorsal, o simples facto de não descontrair os músculos da região cervical, trava-lhe toda a força centrífuga de que o corpo deve ir animado; colocando a cabeça na posição normal após o início do gigante, corrigirá esse defeito.

Entre os participantes da equipa B, assistimos ao trabalho consciencioso de Henriques, que apesar do tipo morfológico (longilíneo estético) não o auxiliar, conseguiu em parte suprir essa desvantagem pela grande força de vontade.

Costa, é um rapaz que se quisesse poderia ter feito melhor. Desde que se compenetrou que participaria no concurso, deveria ter um objectivo — vencer.

O ideal desportivo manda-nos lutar dentro das nossas possibilidades. O seu alheamento e desistência é deveras criticável.

Araújo também tem vontade de trabalhar e aprender; de um ano para outro progride.

Silvano, o vencedor da equipa B é um rapaz cheio de qualidades e poderá alcançar bons resultados se trabalhar com persistência.

Como extra-programa, tivemos o prazer de assistir na sexta-feira a mais uma das brilhantes exhibições da classe de senhoras do G. C. P. dirigidas pelo professor Curt Johann. As gigantes senhoras brilharam a grande altura. O ritmo e a harmonia que imprimiram à exhibição, fez-lhe realçar a graça. Se os exercícios fossem musicados, como a parte preparatória, mais brilhantismo teriam alcançado.

Não quero deixar de mencionar o aspecto festivo que apresentou o Ginásio. O varandim encontrava-se ornamentado com bandeiras, onde a música pôs uma nota alegre e saliente. Enfim, mais um ano de trabalho a bem da Educação Física Nacional.

FERNANDO DA SILVA FERREIRA

ARCADIA O DANCING N.º 1
— DA CAPITAL —

Apresenta um categorizado programa de atrações internacionais selecionadas, com

A extraordinária vedeta **ANITA DEL RIO**
de baile clássico

BALLET COPELIA Y SUS MUCHACHAS
LES DEUX PARISIENNES — ANITA LUGENA

os famosos estilistas de ritmos brasileiros

ORQUESTRA FON-FON

Carmelita de Cardoba, Mary-Mely, Hermanns Baron, Dorita de Triana, Petri Cobo, Hermanns Diader, Enlita Gomez, Mabel Valencia, Gloria La Gitanillo, Estrella Olmedo, Conchita Carmona e Manola Horvans

ORQUESTRA ARCADIA com a vocalista **DAINA**
norte-americana

Abertura às 22 — Variedades às 0,15 e 2,15 horas



A equipa de Lisboa alinhada em saudação antes do encontro



A representação madrileña formada ante a tribuna das autoridades oficiais

Madrid venceu Lisboa por 1 ponto

Comentários do Dr. SALAZAR CARREIRA

O terceiro encontro entre as duas capitais peninsulares, segundo organizado na pista da Cidade Universitária, deu lugar a renhida competição e concluiu com a primeira vitória espanhola, pela mínima diferença de um ponto: 54-53.

A estafeta olímpica foi a prova final decisiva e, nesta, a intervenção do prestigioso Adarraga assegurou vantagem impossível de anular. Este atleta, que todos os anos se apresenta com a camiseta roxa contra a seleção lisboeta, ofereceu-nos dúvidas quanto a legalidade da sua participação; estudando em Madrid, pertence ao S. E. U. madrileño, mas não é filiado da Federação Castellhana pois representa a Gulpizcoa, todos os anos, nos campeonatos de Espanha de atletismo.

Eis um ponto que a Associação de Lisboa devia esclarecer para o futuro, estabelecendo que apenas pudessem participar no encontro os atletas classificados pela região para o campeonato de Espanha federativo.

Agora este pormenor, tudo correu pelo melhor e a derrota em nada afecta o valor do atletismo lisboeta; bastava um Manuel da Silva na sua forma da época passada e a presença de Canhão, ou Alcide nas barreiras, para inverter o resultado.

Os elementos constitutivos da equipa lisboeta bateram-se com brío, mas alguns fraquejaram, por má tática ou reflexa da importância do «match»; assim, Natal, Araújo e José Luis ficaram aquém do que deles se esperava e Eduardo Silva, fugindo às indicações recebidas, embora na melhor das intenções, cometeu um erro tático de graves consequências.

A constituição do júri, inteiramente formado por espanhóis, apenas com o presidente da A. A. L. como juiz árbitro adjunto, não deve voltar a ser aceite, porque impede as indispensáveis fiscalização e assistência; assim, por exemplo, foi consentida na pista a presença do treinador contratado italiano, que sempre guiou e aconselhou os seus atletas, ao passo que foram mandados sair os orientadores técnicos portugueses.

Estas simples indicações, aconselhadas pelas circunstâncias para futuro, em nada procuram atingir o brilhantismo, o interesse e o agrado da jornada.

Em tarde esplendorosa, cálida talvez em demasia, os espectadores acorreram em número apreciável e manifestaram-se sempre com desportivismo e isenção dignos de realce.

O organização foi quase boa, apontaremos como principais deslizes, o haver-se obrigado os corredores de 100 metros a esperar cerca de meia hora pela partida, depois de prontos para o fazerem; a chamada de Alvaro Dias em primeiro lugar para as tentativas suplementares quando lhe pertencia o melhor resultado e alguns tempos indicados que não condizem com a realidade dos factos (barreiras).

AS PROVAS

O torneio principiou pelas 110 m. barreiras, que o recordista espanhol Molezum venceu destacado. Os portugueses partiram mal, alegando que as vozes do júri (preparados, em vez de prontos), os haviam enganado, por desconhecidos. O mesmo veio a suceder nos 800 m. a Pena da Silva.

Houve aqui uma imprevidência dos nossos dirigentes pois deviam ter cuidado de inquirir do júri da partida como agiria e informar os corredores.

Durão, descontrolado desde início pela má partida, derrubou várias barreiras e não fez a prova que podia; Natal, impressionado pelas condições, nunca esteve em prova e entrou dois metros atrás do companheiro, o que não condiz com a igualdade de tempos anunciada.

1.º — Molezum (M), 16 s.; 2.º — Durão (L); 3.º — Toba (M); 4.º — Natal (L), todos em 16,6 s.

Madrid, 7 p. — Lisboa, 4 p.
Seguiram-se os 800 metros. Adriano comandou até aos 500 m., resistindo ao primeiro ataque de Poyan, mas foi nessa altura passado por todos os competidores; Pena da Silva que partiu alguns metros atrasado, lutou muito bem e obteve a melhor marca pessoal. Tem valor e, pela descontração de movimentos, virá a melhorar bastante, ao contrário de Gomes, que não possui classe para a especialidade.

1.º — Poyan (M), 2 m.20,4 s.; 2.º — Cavero (M), 2 m. 0,7 s.; — Pena da Silva (L), 2 m. 0,8 s.; 4.º — A. Gomes (L), 2 m. 3,6 s.

Madrid, 15 p.; Lisboa, 7 p.

O salto em comprimento foi-nos inteiramente favorável; os espanhóis eram apenas medíocres. Alvaro Dias, com a corrida deficiente em rapidez (falta de preparação), foi notável de regularidade: 6m.95 — 6m.98 — 6m.97 — 6m. 91 e 6m.99.

Matos Fernandes, cuja forma se mostrou excelente, atingiu 6m.61 — 6m.61 — 6m.65 e magouou-se no calcanhar de chamada no ensaio seguinte, desistindo dos restantes.

1.º — Alvaro Dias (L), 6m.99;
2.º — Matos Fernandes (L), 6m.81;
3.º — Toba (M), 6m.48; 4.º — Casado (M), 6m.22.

Madrid, 18 p.; Lisboa, 15 p.

A corrida de 400 metros foi bem disputada, mas ressentimo-nos da fraqueza do nosso segundo representante; Dias, excelente segundo, bateu o recorde lisboeta da distância e Natal voltou a fazer menos do que a sua possibilidade.

1.º — Adarraga (M), 59,4 s.;
2.º — Artur Dias (L), 59,9 s.; 3.º — Rohrbach (M), 59,9 s.; 4.º — Natzi (L), 52,4 s.

Madrid, 25 p.; Lisboa, 19.

Nos 100 metros, que se correram em seguida, enquanto finalizava o disco, alcançamos excelente vitória por intermédio de Paquete, confirmando Moraes a tradicional superioridade lusitana, embora com mau tempo.

1.º — Paquete (L), 10,9 s.; 2.º — Moraes (L), 11,2 s.; 3.º — Antolin (M) e 4.º — Nuñez Colos (M), 11,3 s.

Madrid, 23 p.; Lisboa, 27 p.

O lançamento do disco foi assinalado pela má exibição de José Luís e pela anulação do estranha do melhor lance de Silva, cerca dos 41 metros. O júri de concurso, como o nosso atleta lhe mostrasse, pela posição que conservava, ter o pé dentro do círculo, alegou que, ao iniciar a rotação, a ponta do pé ultrapassara o aro...

1.º — Torres (M), 40m.80; 2.º — M. Silva (L), 39m.80; 3.º — Carvajal (M), 39m.40;
4.º — José Luís (L), 34m.37; Madrid, 35 p.; Lisboa, 31 p.

Na altura confirmamos a absoluta superioridade dos nossos saltadores; ambos passaram bem o metro e oitenta e Felício teve uma boa tentativa no 1m.53. 1.º — Matos Fernandes (L) e 2.º — Luís Felício (L), 1m.80; 3.º — Serrano (M), 1m.75; 4.º — Ferrer (M), 1m.65; Lisboa, 39 p.; Madrid, 38 p. Os 3000 m. foram ganhos por Afonso Marques com absoluta autoridade, mas Araújo não soube acompanhar o colega; tímido em demasia; deixou-se navegar na cauda do pelotão, atrás de um espanhol evidentemente em dificuldade e perdeu um segundo lugar que deveria ter conquistado. 1.º — Marques (L), 9m.14,6 s.; 2.º — González (M), 9m.17,8 s.; 3.º — Araújo (L), 9m.20,8 s.; 4.º — Revert (M), 9m.44 s.; Lisboa, 40 p.; Madrid, 42 p. Os resultados do lançamento do peso foram normais; Silva e Barros fizeram o seu melhor da temporada (o segundo de sempre), mas não chegou. 1.º — Torres (M), 12m.01; 2.º — M. Silva (L), 12m.87; 3.º — Del Pino (M), 12m.32; 4.º — N. Barros (L), 12m. Lisboa, 50 p.; Madrid, 49 p. A estafeta olímpica, decisiva, condenava-nos pela falta do corredor de 800 m.; Adarraga sacou mais de quinze metros a Eduardo Silva e apesar da contagem dos restantes componentes foi assente líquido. Matos Fernandes teve excelente comportamento nos 400 metros, em que recuperou a Leitran; uns bons sete metros e Moraes foi prejudicado ao sair por este mesmo madrileño, que se deixou ficar no meio da pista de braços abertos, a exteriorizar alegria, impedindo-lhe a passagem. Madrid, 3m.28,5 s. e 58 pontos. Lisboa, 3m.27 s. e 53 pontos.



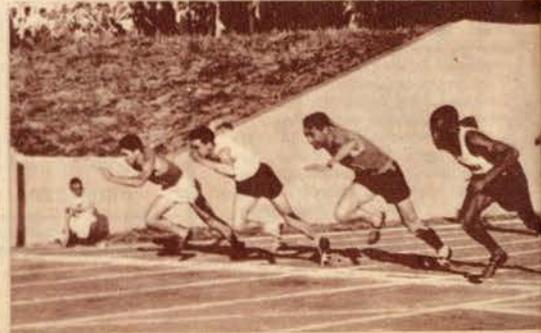
Afonso Marques, o vencedor dos 3000 m. e toda a prova; atrás vêm Revert (4.º) e González (2.º), que tapam Araújo, sempre na cauda do pelotão



A chegada dos 800 m. — Poyan (146) ganha por dois metros sobre Cavero e Pena da Silva, na mesma linha; Adriano vem longe



Alvaro Dias, um dos melhores portugueses em Madrid, salta 6m.99 em comprimento



A largada impecável dos 100 metros. Da esquerda para a direita: Nuñez 4.º; Nuno Moraes, 2.º; Antolin, 3.º e Paquete, o brilhante vencedor

BENFICA NA FINAL...



Arsenio domina admiravelmente a bola. Surpreende os próprios adversários.



Baptista mergulha com decisão. Uma das suas boas defesas



Uma defesa de Rogério. Jacinto e Felix estão atentos



Outra defesa de Baptista. Corona ataca de pronto



A bola será de Rogério. Não foi batido uma só vez...



Esta é uma das fases de grande movimento no jogo Vitória-Benfica. Meião domina o lance e prepara-se para servir Corona, que se debruça. Não

Os resultados alcançados em Paris

não corresponderam inteiramente àquilo que se esperava

TERMINARAM a sua actuação em Paris os cavaleiros portugueses designados para constituírem a nossa equipa representativa no Concurso Hípico Internacional, que foi levado a cabo na capital francesa, no hipódromo do «Jardin d'Acclimatation».

A parte dos resultados obtidos no primeiro dia de provas, aos quais já fizemos referência no nosso último número, resultados estes que foram para o hipismo lusitano bastante honrosos, há ainda a mencionar algumas outras classificações que, embora mais modestas, não queremos deixar de arquivar nestas colunas, tanto mais que foram obtidos em lutas difíceis, nas quais tomaram parte cavaleiros franceses, americanos, ingleses, belgas, espanhóis e italianos.

Porque os pormenores da nossa actuação em Paris não são de molde a tornar fácil um comentário aos resultados obtidos, limitamo-nos a dar ao leitor a lista de classificações dos nossos representantes nas provas que disputaram.

Prix d'Overture — 10.º Henrique Calado, montando «Favorito».

Bosque de Bolonha — 1.º Guedes de Campos, na «Mondina»; 5.º Reimão Nogueira, no «Congo»; 9.º Henrique Calado, no «Raso».

Vitória de Portugal por equipas. *Prix des Sablons* — 9.º Henrique Calado, «Favorito»; 11.º Guedes de Campos, na «Mondina».

Grande Prémio de Paris — 9.º Reimão Nogueira, no «Congo».

Taça das Nações (Equipas) — 5.º Equipa Portuguesa.

Prix des Vanqueurs — 7.º Reimão Nogueira, no «Congo».

Prix Cloture — 7.º Guedes de Campos, no «Vouga».

Campeonato do salto em altura — 4.º Reimão Nogueira, no «Congo».

Verifica-se pelos resultados que acabamos de dar ao leitor, que da nossa equipa os cavaleiros mais em evidência foram os capitães Guedes de Campos e Reimão Nogueira, tendo sido o capitão Fernando Cavaleiro o mais desafortunado.

Quanto a cavalos, facilmente se verifica que «Congo» e «Mondina» foram os que mais se evidenciaram, o primeiro classificando-se em todas as provas em que tomou parte, excepto uma, e o segundo obtendo o lugar mais honroso com a sua vitória no Prémio Bosque de Bolonha.

A seguir a actuar na Madrid, onde já está a actuar no Concurso Hípico da capital espanhola.

Antas Teixeira

Guilherme Patroni e o Algés

venceram a meia-milha da A. N. L.

O Tejo, polvilhado de velas brancas, estava lindo!... A manhã, radiosa como pouca, convidava francamente a nadar. Mas a verdade, a triste verdade, é que dos quarenta nadadores inscritos para a prova da meia-milha, organizada pela Associação de Natação de Lisboa, apenas compareceram vinte e um, ou seja, senivelmente metade.

Mesmo assim, isto é, apesar do lamentável desinteresse manifestado por muitos dos concorrentes, a prova atingiu nível técnico apreciável e foi muito bem disputada.

Guilherme Patroni — apesar de não ser um especialista de provas deste género — ganhou com inteiro merecimento, formando com Pereira Bastos e José Cabral Junior uma equipa valorosa e homogênea cuja vitória não sofre de forma alguma contestação.

Alfredo Filipe em evidência

Em quarto lugar, e ainda dentro da casa dos 15 minutos, Alfredo da Silva Filipe o valoroso representante dessa simpática e prestante colectividade que é o Clube Naval de Sesimbra. Apenas batido pelo forte «trio» do S. A. D., Alfredo Filipe merece, sem favor, os melhores aplausos de crítica, pelo entusiasmo, com que se applicou, pelo desportivismo de que deu provas, pelas reais faculdades que possui. Um exemplo, este Alfredo Filipe.

O estorilista Belmiro Santos, dentro das suas actuais possibilidades, José Rodrigues Rosado, também obteve boa posição, batendo quase sobre a meta o «brucista» João Faria Bichinho que neste estilo fez a parte da prova que pudemos acompanhar, o que, portanto, merece ser posto em relevo. Entre os dez primeiros, temos ainda os nomes Manuel Silva Rodriguez, Leonel Sousa Gomes — que acompanhamos por largo espaço e que com melhor

rumo a partir de certa altura podia ter-se classificado melhor — e Adriano Cabral Rodriguez.

Boa prova de Odete Maria Nobre

Com o tempo de 17 m. 50 s., em décimo primeiro lugar na classificação geral a primeira entre as senhoras, temos Odete Maria Nobre, a excelente nadadora do Estoril-Praia, de momento a nossa melhor especialista em provas de rio ou de mar. Aliás, nesta meia-milha, todas as nadadoras tiveram comportamento meritório: Lucília da Silva Angeja (18 m. 37 s.), em décimo quarto lugar e Maria Luísa Araújo (21 m. 26 s.) em décimo oitavo.

O Clube Nacional de Natação, com louvável boa vontade, apresentou uma equipa completa da qual sobressaiu Joaquim Silva Duarte (28 m. 35 s.), Leonel Vieira Marques (19 m. 2 s.) e o veterano Manel da Fonseca (21 m. 1 s.) completaram o elenco.

E anotamos, por fim, os dez primeiros chegados: 1.º, Guilherme Patroni (S. A. D.), 15 m. 2 s.; 2.º, João Pereira Bastos (S. A. D.), 15 m. 15 s.; 3.º, José Cabral Júnior (S. A. D.) 15 m. 37 s.; 4.º, Alfredo Filipe (C. N. S.), 15 m. 43 s.; 5.º, Belmiro Severino Santos (E. P.), 16 m. 21 s.; 6.º, José Rodrigues Rosado (E. P.), 16 m. 21 s.; 7.º, João Faria Bichinho (S. A. D.), 16 m. 30 s.; 8.º, Manuel Silva Rodriguez (S. A. D.), 16 m. 38 s.; 9.º, Leonel Sousa Gomes (S. A. D.), 17 m.; 10.º, Adriano Cabral Rodriguez (S. A. D.), 17 m. 32 s.

Por equipas, temos: 1.º, Algés (1 + 2 + 3) = 6 pontos; 2.º, Estoril-Praia (5 + 6 + 12) = 23 pontos; 3.º, Nacional de Natação (13 + 15 + 17) = 45 pontos.

No momento em que escrevemos, tudo parece indicar que o próximo domingo seja, inexplicável e lamentavelmente, um domingo em branco.

Abreu Torres

Empresa de Camionetes Piedense, L.^{da}

Sede: TRAFARIA

Concessionária das carreiras de passageiros, entre

CACILHAS — PRAIA DO SOL

> — ALMADA

> — CHARNECA

> — TRAFARIA

TRAFARIA — PRAIA DO SOL

Auto-carros para excursão

Telefones:

Trafaria 2.12 ♦ Almada 64 ♦ Praia do Sol 46

GELOSIAS, L.^{DA}

ESTORES

A consagrada pelo público português que classificou a sua marca em 1.º lugar

*

Premiada com a MEDALHA DE PRATA : : na Exposição do Rio de Janeiro : : :

Agentes em todas as cidades

Rua Maria Andrade, 11 Telef. 4 6102
— LISBOA —

MARTINHO LACASTA

4.º da classificação geral, 3.º da 1.ª categoria e 2.º dos concorrentes portugueses ao III «Rally» Internacional

fala à «Stadium»

O sr. Martinho Lacasta, desportista do melhor quilate, anda sempre atarefado. E, além disso, habituado apenas aos seus negócios, não gostando de entrevistas, o sr. Martinho Lacasta encontra-se sempre com dificuldade...

Mas quando o jornalista é teimoso, os impossíveis desaparecem. Por isso o sr. Martinho Lacasta, brioso 4.º classificado no 3.º Rally Internacional, não pôde equivocar-se a esta pergunta:

— Está contente com a classificação obtida?
— Não posso deixar de estar satisfeito, considerando a categoria de muitos dos carros que concorreram, alguns dos quais especialmente concebidos para provas desportivas. Creio, porém, que melhor se poderia conseguir se tivéssemos em Portugal mais oportunidades de praticar este desporto, e, sobretudo, de treinar, como sucede em Inglaterra. Ali põem à disposição dos interessados locais próprios, onde seja fácil reproduzir o traçado e perfil das provas que necessitam treino.

Os concorrentes ingleses deram-me a impressão de conhecerem melhor a pista do Estoril do que nós, portugueses... que só treinam às escondidas!

— Acha que era possível ter conseguido uma melhor classificação?

— Talvez. Se o meu companheiro dr. Calçada Bastos, tivesse feito as duas provas complementares, ou vice-versa, teríamos de certo melhorado o tempo. Mas afinal, são raras as provas em Portugal, e é natural que bons companheiros e bons desportistas tenham uma oportunidade de fazer cada um algo melhor.

— Tem participado nos «rallies» anteriores?

— Sim.

— Que classificações obteve?

— Em 1947 o mesmo resultado que este ano.

— Porque escolheu um «Mercury» para provas desportivas?

— Porque nos 900.000 quilómetros que fiz em 22 anos de carta, cheguei à conclusão de que o «Mercury» é o carro ideal para andar turismo, em quaisquer estradas.

— Costuma fazer alterações mecânicas ao seu carro?

— Nenhunas. Reputo o motor «Ford V-8» suficientemente potente e resistente para necessitar alterações.

— Onde costuma fazer os seus preparativos mecânicos?

— Exclusivamente na «Lincuri, Limitada».

— Qual é a sua velocidade de cruzeiro habitual em «Rallies»?

— 100/110 quilómetros por hora quando as circunstâncias o permitem.

— Qual é o benefício de uma média elevada entre os contróles?

— Uma média superior à média exigida é sempre conveniente para fazer face aos imprevistos.

— Disseram-nos que fizera uma média interessantíssima entre Leon e Valença, num percurso essencialmente montanhoso?

— De facto assim foi, porque o carro o permitia e prevendo... não desafortunadamente, possíveis demoras em Valença.



MARTINHO LACASTA, E DR. GALÇADA BASTOS

— Como conseguiu ser tão pontual nas etapas, Valença-Porto e Porto Lisboa?

— Lendo o regulamento com atenção, e tomando as medidas necessárias para cumprir.

— Porque usa sempre a mesma marca de óleo?

— Sempre usei o óleo ARNOCO em todas as provas desportivas desde a guerra, e uso-o constantemente nos meus carros. Neste último «rallye» nem tive que o mudar durante o trajeto de estrada... Tenho inteira confiança no óleo e não penso em usar outro.

— Tenciona de futuro usar pneus de fabrico nacional?

— Certamente, tanto mais que os resultados obtidos durante o último «rallye» de Monte-Carlo, pelos concorrentes portugueses, usando MABOR-RAYON, foram magníficos.

— Quem são os seus co-equipiers habituais?

— Os meus únicos companheiros em provas desportivas são: o Jorge de Seixas e Alberto Calçada Bastos. Espero que continuem a ser...

— Satisfez-lhe a organização deste último «rallye»?

— Foi impecável, exceptuando a demora nas alfândegas.

— Acha que nos futuros «rallies» internacionais a Lisboa deva ser incluída uma prova complementar de velocidade em rampa?

— Acho que, de facto, deverão ser incluídas mais provas complementares, cujos factores intervenham na classificação final e destaquem os melhores condutores.

— Disseram-nos que tencionava adquirir um ALLARD?

— Possivelmente, e por ser uma adaptação muito feliz no motor «Ford V-8» e mais material «Ford» a um chassis essencialmente desportivo.

E assim termina esta curta entrevista, com um dos nossos desportistas mais metódicos e capazes. Apesar de sempre ter conduzido um carro de turismo, pezado, mais de uma vez conseguiu resultados muito superiores aqueles obtidos por alguns profissionais em carros de sport especialmente concebidos para provas desportivas. De facto, um carro por muito bom e rápido que seja, necessita de «unhas» para dele se tirar algum proveito. E, com essas «unhas» consegue-se muito num simples carro de turismo como o «Mercury», que já foi fabricado às centenas de milhares.

Disputou-se em São Paulo uma das mais importantes provas do turf brasileiro em que competiam os mais credenciados puros sangues de diversas nacionalidades sob a monta dos freios brasileiros, argentinos e chilenos, entre os quais se encontrava Irineu Leguizamo o maior jockey da América do Sul, especialmente contratado pelo Sr. Buarque de Macedo para dirigir Garbosa Bruleur, a «Loirinha», como é chamada nos hipódromos da Gaveia e Cidade Jardim.

A prova disputada na distância de 2.400 metros tinha como competidores Heliaco o «az» que mais prémios tem ganhado em carreiras e que ascende a cerca de 5 milhões de cruzéis; Garbosa Bruleur; Saravan, um puro sangue irlandês e outros de menor categoria e cujas credenciais não eram verdadeiramente recomendáveis no campo dos apostadores.

Conjecturou-se, fizeram-se prognósticos que na sua quase totalidade recaem em Heliaco considerado fá-

CARTA DO BRASIL

As provas do turf são aplaudidas com entusiasmo

(Especial para «Stadium», do nosso redactor Candéas Alvarez)

o vencedor e chegou o momento da largada com a assistência observando de pé e mantendo uma tensão nervosa bastante alta. A largada Clarão tomou a ponta e foi a revezando com Guaraz até à seta dos 18.000 metros quando Heliaco tentou forçar a passagem pelo centro o que não conseguiu não por falta de campo aberto, mas porque o seu jockey Osvaldo Ulhoa por mais que tentasse não conseguia que o Invenível fizesse a progressão natural no terreno que todos esperavam. Foi nesta altura

que Saravan sob o comando de Luiz Rigoni o «líder» da estatística e que se havia conservado nos últimos lugares arrancou esplendidamente para na altura das setas passar por Guaraz e cortar a meta de chegada com dois corpos de avanço delirantemente aplaudido pela enorme mole de gente que se encontrava em Cidade Jardim e que não regateou aplausos ao vencedor pela magnífica carreira.

Garbosa Bruleur que nos aprontos havia dado a impressão de repetir o feito do ano interior limitou-se a um

momento no lugar e Heliaco arre-matou um quarto sem sobras.

O primeiro prémio de 500 mil cruzéis o bichou-o Saravan que até ao presente momento pouco havia demonstrado das suas peculiares qualidades de fundista. Um elogio deve ser endereçado a Luiz Rigoni pela primorosa direcção que deu ao cavalo. Sabendo de ante-mão que a luta seria inicialmente travada entre Clarão, Guaraz e Heliaco, deixou que a sua montada conservasse os últimos postos até ao momento mais propício para arrancar com a certeza de que seria o primeiro a cortar o disco final. Irineu Leguizamo no dorso de Garbosa nada conseguiu motivado por a Loirinha se ter sentido de um tendão.

Agardemos agora a prova máxima do turf denominada «Grande Prémio Brasil» com a dotação de 5 milhões de cruzéis onde novamente veremos em acção a nata dos puros sangues exultantes no Brasil.



PORTUGAL-INGLATERRA

Eis Emídio! Estupendo o nosso guarda-redes!



O guarda-redes inglês vai cair. A bola está ao alcance de Jesus Correia e é fatal...



Edgar e Raio impedem que Walter se aproxime da baliza



Jesus Correia numa das suas habituais jogadas: a bola saltita no seu stick



Olivério, sempre oportuno, defende um ataque francês

O CAMPEONATO DO MUNDO

continua em PORTUGAL

PORTUGAL, desportivo de parabéns merecido do triunfo brilhantíssimo (mais uma vez... a sua — e nossa — equipa de hóquei em patins.

Três vezes consecutivas — duas no Pavilhão dos Desportos — a turma lusitana conquistou os campeonatos do Mundo (5.º) e da Europa (15.º) interessante e triunfante modalidade.

Do que foi a competição — seguramente uma das mais bem estudadas de sempre e melhor, nitidamente melhor, do que a de há dois anos se efectuou no mesmo recinto — já se disse algo à forma como decorreram as suas 28 partidas.

Mas nunca é demais aludir ao êxito do torneio e ao brilhante triunfo alcançado pelos valorosos hoquistas portugueses.

Parabéns, portanto, ao genacional

— que tão bem e tão brilhantemente soube impor-se e conquistar para o país mais um título de glória desportiva.

A prova, no seu aspecto técnico, apreciada na generalidade, constituiu verdadeiro êxito.

Principiou animadamente, prosseguiu, durante quase uma semana, no mesmo jeito, e acabou — nem podia deixar de ser assim! — com extraordinária beleza.

E se se devem render louvores à acção de Raio, considerado até pela maioria dos adversários como o melhor jogador do torneio, e ao trabalho de Emídio nas balizas, também sempre certo e seguro, não é menos verdade que Edgar, tal como os primos Correias e os irmãos Serpas, se portaram muitíssimo bem.

(Continua na pág. 2)



PORTUGAL-ITÁLIA

O excelente guarda-redes italiano numa defesa acrobática



Nova defesa do guarda-redes de — o remate de Jesus Correia



Foto — JOSÉ MONTEIRO

A brava e invencível equipa nacional de hóquei em patins: Edgar, Prazeres, Jesus Correia, Olivério, Correia dos Santos, Emídio Pinto e Raio



PORTUGAL-SUIÇA

Entre Portugal e a Suíça: um ataque dos primos Correias



PORTUGAL-HOLANDA

A Holanda defende-nos Jesus Correia e Correia dos Santos... atacam!

A luta José Rosa

Velejadores da Moçidade Portuguesa para a «Connaught Cup» — A última regata Fernando Belo na metrópole — A primeira regata oceânica da temporada

COM vista à «Connaught Cup» o torneio de selecção para os dois representantes nacionais, atingiu pelo caminho com José Rosa e Bernardino de Almeida em evidência. A tripulação da Brigada Naval beneficia de um «sharpie» de 12 m., muito bom, de um «leme», José Rosa, muito experimentado e já por duas vezes afastado por milímetros da selecção e de um «proa» de peso e vontade, Bernardino de Almeida, retirado da modalidade por deveres profissionais mas que reapareceu agora na devida altura.

O favoritismo desta tripulação não pode, todavia, encerrar-se em definitivo porque escrevemos apenas a meio da prova e a última parte do torneio deve ser de luta encarnçada e difícil. Depois disso já Edgard Cruz e António Vilardebó registaram vitórias, reservando o interesse do torneio para o último domingo.

Atrás dos favoritos encontra-se um bom conjunto de tripulações da Moçidade Portuguesa — e estes rapazes, que ainda no domingo venceram a 3.ª regata por intermédio de António Vilardebó e Alexides, só arriscam a última palavra nos derradeiros segundos do torneio. Possuem um temperamento notável de competir e, por vezes, a sua união, o seu jogo de equipa, prejudicando-se uns em benefício de outros — revela uma certa e natural tendência de puxar glórias para a Organização Nacional da Moçidade Portuguesa que foi — e ainda hoje é — herço do renascer da vela em Portugal.

E' com essa força unida e poderosa que José Rosa e Bernardino de Almeida tem de contar, tanto mais que nem na Associação Desportiva que representam nem no Clube Naval de Lisboa e na Secção Desportiva da Casa dos Pescadores do Seixal, aos quais pertencem os outros candidatos à selecção, existe o mesmo espírito de equipa.

O Clube Naval de Cascais tomou a feliz iniciativa de homenagear um dos seus mais valiosos representantes, um dos melhores velejadores portugueses de sempre — Fernando Belo — que no penúltimo domingo competiu pela última vez na Metrópole antes de seguir para Luanda.

Tratando-se de um desportista que mais simpatias conta nos meios desportivos náuticos, era de esperar a comparação, na sua última regata entre nós, de todos os «staristas» das frota de Lisboa, Cascais e Vila Franca de Xira — como se chegou a anunciar. Mas não! Nada disso. Apenas appareceram três concorrentes além do homenageado que correu ao «leme» do seu «star» com o irmão Duarte à «proa», e todos eles da frota de Cascais.

O Embaixador de Portugal em Washington, dr. Pedro Teotónio Pereira, ofereceu há dois anos a Taça

«D. Carlos I» para ser disputada numa regata de vela em difícil percurso oceânico na busca de uma boia, cuja localização determinava as respectivas coordenadas. Conquistou-a o elegante «Sunday» do dr. José Gonçalves, mas o troféu — que é perpetuo — deve ser disputado anualmente em obediência ao seu regulamento.

Na prova de 1947 verificou-se, porém, ser pouco aconselhável o percurso em que se procurava uma boia em local desconhecido — e, o desinteresse da maioria dos prováveis concorrentes de 1948 levou à mão a realização da regata no ano passado.

Amanhã a prova recomeça a ser disputada noutras condições. Num percurso total de 120 milhas com partida em frente da Torre de Belém até Sines na primeira etapa e, depois, até Setúbal, na segunda e até Cascais na terceira e última. São três dias navegando sobre águas oceânicas em reabida disputa do troféu instituído em homenagem ao Rei que foi um dos maiores entusiastas do desporto da vela.

Organiza a regata a Associação Naval de Lisboa, sob o patrocínio da Federação Portuguesa de Vela, concorrendo os melhores barcos de cruzelre. E' a primeira prova oceânica do calendário da Federação.

Henrique Parreirão

Comentários e notas sobre a visita dos franceses

DEPOIS do memorável encontro internacional a que já fizemos referência, os andebolistas franceses participaram no nosso país em mais dois encontros, os quais ambos ficaram longe do brilhantismo da estreia.

No jogo Porto-Paris, que terminou com o empate a 4 pontos, a exibição de qualquer dos grupos foi tecnicamente fraca e a atmosfera final em campo indesejável. Responsabilidades de ambos os lados, maiores por parte dos visitantes cujo capitão — comportamento de estranhar em quem é monitor de educação física e professor de andebol no Instituto Nacional de Desportos — deu o exemplo da indisciplina e pretendeu arrastar para ela os companheiros, quando devia ao contrário impor a sua autoridade para respeito da ordem.

O encontro em Coimbra, vitória dos visitantes por 11-5, foi uma exibição fácil e desvelada, onde apenas há a considerar com aplauso que os académicos hajam obtido cinco pontos. A passagem dos franceses pela cidade universitária deve trazer grandes benefícios à propaganda e ao progresso do andebol na região, pois proporcionou o conhecimento de técnicas e táticas modernas que só assim puderam ser conhecidas.

E' de lastimar, apenas, que não tenha sido possível trazer também a Lisboa a equipa estrangeira, para completar nos três centros nacionais de actividade a demonstração das evoluções sofridas durante os

últimos anos pelo sistema de j. g. r.

Se tomarmos por modelo o encontro Portugal-França, por ser aquele onde a classe de jogo atingiu mais alto nível, reconheceremos que os nossos jogadores precisam de cuidar e aperfeiçoar a sua técnica individual que, em certos pormenores — posição de remate, projecção do braço, obstrução, etc., — está bastante longe da verdade.

Trabalho para os treinadores, bem como a preparação física geral, que precisa ser levada a ponto apurado para que os homens possuam a velocidade, a resistência, a agilidade e o vigor necessário à actual feição do andebol.

A equipa francesa desenvolveu sempre a sua acção de maneira que, levando o ataque pelos cinco avançados com o apoio dos dois médios volantes, apresentava sempre ante as nossas defesas em numero de sete homens que lhes barrava a passagem.

Esta técnica trás, como primeira consequência, a fácil progressão na zona central do campo, entre a faixa de ataque a uma baliza e a linha da barreira defensiva oposta. Se a equipa atacante não aproveita essa facilidade para galgar rapidamente a distância até à zona de remate, quando lá chega depara com a insuperável barreira.

Existe, pois, um problema de velocidade que os portugueses souberam por vezes aproveitar por intermédio de passes longos e em profundidade, suprimindo desta forma a menor rapidez pessoal. Toda a crítica assinalou a superior execução e realização dos franceses; contudo, embora pareça paradoxal, todos reconheceram também e com absoluto fundamento, que a nossa vitória foi pouco expressiva para o que o decorrer da partida justificaria.

A firmeza de vontade, o dinamismo, a «ralé» dos portugueses chegou bastas vezes para destruir o melhor conjunto do adversário.

Pelo apuramento final administrativo conclue-se que perto de 12.000 pessoas assistiram ao encontro. Todas, com certeza, saíram seduzidas pelo empolgante espectáculo desportivo presenciado.

Grande jornada, portanto, para o andebol, que segue pelo bom caminho e pode, em futuro próximo, ascender a interessante plano internacional, que outras modalidades mais experientes ainda não lograram atingir.

José de Eça

Patim

Recebemos o interessante número especial do «Patim», apresentado pelo capitão Santos Romão, José Ilharc, Rodolfo Serpa e o nosso camarada e conhecido técnico da modalidade, Jorge Monteiro.

A sua excelente apresentação e a maneira como todos os assuntos são tratados impuzeram esta interessante publicação no espírito do público.

Os nossos cumprimentos pela iniciativa.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Serviço de carga e passageiros

Carreiras regulares para: Cabo Verde — Guiné — África Ocidental e Oriental, Brasil e América do Norte

FROTA

Paquetes	Deslocamento Toneladas	Deadweight Toneladas
PATRIA (n. t.)	19.175	10.943
IMPÉRIO (n. t.)	19.175	10.734
MOUZINHO	14.150	8.200
COLONIAL	14.120	8.136
SERPA PINTO	13.020	5.412
JOÃO BELO	12.030	7.540
GUINE	6.130	3.250
Navios de carga:		
LUANDA (n. m.)	13.790	9.820
GANDA (n. m.)	13.114	9.419
AMBOIM (n. m.)	13.114	9.419
BENGUELA (n. m.)	12.305	9.347
LUGELA (n. t.)	12.250	8.340
PUNGUE	8.750	6.356
LOBITO	5.970	4.278
PERANA	4.105	2.797
QUIONGA	4.105	2.770
LUNDA	4.105	2.778
CHAIMITE	3.200	2.000
NAMPULA	3.200	2.000
BUZI	3.080	2.052
SENA	2.458	1.700

Rebocadores:

MONSANTO (n. m.) 850 T.; OCEANIA 350 T.; MAFRA (n. m.) 210 T.; MUTELA (n. m.) 210 T.; NAUTICUS 200 T.; CATEMBE 120 T.; PRÍNCIPE 100 T.

Além dos rebocadores, a Companhia possui o seguinte material auxiliar: 12 lanchas-motor, 8 batelões de alto-mar e 47 batelões de tráfego local, com um deslocamento de 15.000 toneladas e com um porte útil de carga total de 10.962 toneladas.

ESCRITÓRIOS:

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131 a 30135

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telefone 23342

Curiosidades...

Despertou interesse entre os amadores da ginástica a notícia que demos sobre a visita das classes de senhoras e olímpica do Ginásio Clube Português, e de rapazes do Lisboa Ginásio Clube.

↳ Sabemos que corre com insistência em Lisboa a notícia de Fandiño passar para o Estoril Praia.

↳ O jogo Coimbra-Porto em futebol foi adiado. Presume-se, mesmo, que talvez esteja prejudicado no dia 19.

↳ A despeito da boa assistência registada no Lima, por ocasião do Portugal França em andebol, parece que a receita não correspondeu.

↳ Dias Santos parece em má forma física. Como está próxima a «Volta» é de se lhe recomendar algum descanso.

Um sarau Ginástico no Coliseu

Por benemérita iniciativa da Delegação Provincial da «Mocidade Portuguesa» do Porto, efectua-se no próximo dia 10, no magnífico Coliseu daquela cidade, um grandioso Sarau Ginástico em favor do Socorro Social.

Dão a sua melhor colaboração a esse festival os importantes clubes especializados de Lisboa, Ginásio Clube Português e Lisboa Ginásio Clube, os quais apresentarão ao entusiástico público norteño algumas das suas melhores Classes, respectivamente a Classe de Senhoras e a equipa Olímpica que representou aquele Clube no certame internacional de Casablanca; e a Classe especial de rapazes e a de Mesa Alemã, famosas pela sua correcção e intrepidez.

O referido festival compõe-se de três partes e no programa estão incluídas as excelentes Classes de ginástica da «Mocidade Portuguesa» recentemente vencedoras das competições nacionais promovidas por esta Organização, um importante Orfeão em canto coral e uma turma de valorosos atletas do Sport Clube do Porto que, em ginástica aplicada, demonstrarão publicamente os seus notáveis progressos na modalidade.

Por tudo isto, o festival ginástico no Coliseu do Porto vai ser um espectáculo de perfeito sucesso e cujas receitas revertem a favor do «Socorro Social».

Stadium na capital do Norte

ACONECIMENTOS DESPORTIVOS

Hóquei em patins

Os hóqueistas portuenses estão em movimento. Recebendo a visita da Seleção Flamengo e selecção de Paris, podem ver nos seus muros jogos de boa categoria.

Para isso, formaram-se duas seleções. São as seguintes:

Seleção A (Norte) — Gomes da Costa (Infante), Correia de Brito, capitão (Académico), Manuel Soares (Infante), António Ribeiro (Académico) e Fernando Figueiredo (Infante). Sexto: Manuel Fernandes (Académico). Suplente, Coelho de Almeida (Académico).

Seleção B (Porto) — Francisco Rezende (Académica), André Carvalho (Académico), António Figueiredo (Infante), Abel Santiago, capitão (Académica) e Ildebrando Costa (Infante). Sexto: Mário Aragão (Vigorosa). Suplente, António Ramalho (Carvalhos).

O ciclismo deu novo triunfo a Fernando Moreira

O F. C. Porto prepara-se para mandar uma equipa a Barcelona. Estão seleccionados, em princípio, Fernando Moreira, Jorge Vilmitjana e Dias Santos. Também se diz que será representado na Volta à Suíça por Fernando Moreira e Moreira de Sá.

Entretanto, Fernando Moreira ganhou mais uma corrida. Triunfou no último domingo de um modo que faz prova da sua bela categoria.

F. C. Porto e Ferroviários ganharam em andebol

Para o campeonato nacional de andebol jogaram as equipas do Porto e Vilanovense (6-5) e Ferroviários-Académica (10-5). Os vencedores mereceram o resultado, e só o F. C. Porto experimentou mais dificuldades. A equipa do Vilanovense jogou animosamente, mas succumbiu perante um adversário mais bem preparado.

Sobre transferências...

COMO todos os anos acontece — fala-se de transferências. Dos clubes do Porto para outros de Lisboa e provincia. Nós somos contra elas. Condenamo-las, porque não só desfalca as equipas como estabelecem alguma desorientação, deslocando para situações duvidosas os rapazes de louca ambição ou falta de firmeza.

As transferências derrotam muitas aspirações, muitos clubes. O que poderá fazer o Boavista, por exemplo, se lhe forem buscar Fernando Caiado e Serafim? Não há ninguém insubstituível, poderá dizer-se, mas duas unidades de tal quilate num grupo que foi último na primeira divisão, devem fazer muita falta. Quando aos grupos fortes tiram um ou outro jogador — pouco se perde. No Boavista, que abandonará na próxima época a divisão maior, naturalmente esperando no regresso, tal saída poderá dizer que o popular club: portuense renuncia a futuros cometimentos.

Diz-se que será assim, cá pelo Porto, quanto a transferências. Preparavam-se muitos clubes para desviar outros elementos — estes do F. C. do Porto. Mas a não ser a possível saída de Fandiño, julgamos que tudo fica no seu lugar.

Doutrinariamente, achamos que os clubes podem recrutar bons elementos em grupos modestos. Ajudando-os a progredir. Contribuindo para melhorar a classe do futebol português. Assim — aplicados. De resto, prova-se apenas que os clubes grandes desejam tudo menos trabalhar, procurando sim o jogador feito, esbanjando importâncias que excedem as suas possibilidades financeiras.

Claro que tudo isto é escrever no molhado. O que os clubes desejam é formar a sua equipa, aquela que lhe der triunfos e mais nada. E os de segundo plano, coitados, não podendo reagir contra a falta de fundos, — entregam-se sem honra nem glória. Às vezes, fornecendo mesmo as regiões adversárias, com prejuízo para o futebol e os clubes da própria terra em que se criaram e desenvolveram. Primores das transferências sem boa regulamentação e honestidade nos processos. Nem jogadores nem clubes se entendem. E depois de tudo isto, impera a habilidade e... — defende-se quem puder e possua lámpada a ésa!

Belo panorama o das transferências nos clubes portugueses...

Vem aí Da Silva...

A Da Silva chamam «Cabeção», lá pelo Brasil. E «Cabeção», portanto, dá notícias da sua actividade, por intermédio de «A Notícia», do Rio de Janeiro, que nos diz o seguinte:

«Depois do futebol colombiano ter levado vários jogadores brasileiros para reforçar o seu «planeta», é o «association» espanhol que vem de se reforçar com elementos nacionais. Cabeção, antigo jogador do Bonsuccesso e do Palmeiras, um dos elementos que brilha no futebol do Velho Mundo integrante que é do Clube do Porto, goza de real prestígio. Cabeção encontra-se actualmente nesta capital, em gozo de férias, mas mesmo assim aproveita a oportunidade para tratar de futebol.

Sendo representante de um clube de Espanha, veio Cabeção credenciado para contratar reforços, visando, especialmente, joga-

dores brasileiros. Inicialmente, foram convidados alguns jogadores ainda na activa, mas depois, preferiu Cabeção escolher elementos que estão afastados das actividades. Assim é que os convites feitos ao goleiro Tarzan, ao zagueiro L'lico e os atacantes Auito e Charuto, de São Paulo, foram imediatamente aceites. As providências para o embarque destes quatro reforços para o Velho Mundo, já estão sendo tomadas, sendo que a viagem será realizada por todo este mês, esperando-se apenas que termine o campeonato local, a fim de rumarem para a Espanha.»

Teremos agora o brasileiro do F. C. do Porto transformado em agente de jogadores? Segundo a notícia que transcrevemos, Silva trabalha por conta do Barcelona. E o F. C. do Porto espera que o irrequieto jogador deseje também transferir-se...

ALMANAQUE DOS DESPORTOS

540 PÁGINAS — 500 GRAVURAS

ENCONTRA-SE A VENDA:

NOS NOSSOS AGENTES e NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS
E NA ADMINISTRAÇÃO DA «STADIUM»

Rua da Rosa, 252 — Telefone 31187 — LISBOA — Preço: 40\$00



Como luta Peyroteo! E como atacava o defesa esquerdo.



A equipa do campeão da Bélgica, que perdeu 4-1 com o Sporting



Uma contra-avançada dos belgas é vigiada por Peyroteo



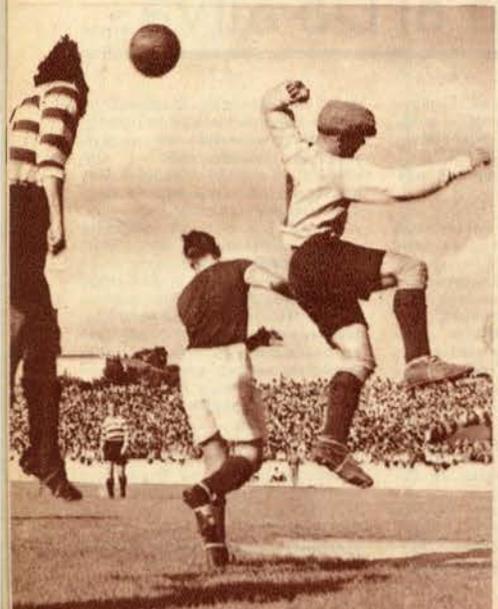
A ACADÉMICA regressa...



O 1.º team da Académica



OA VITÓRIA do SPORTING



Na defesa do guarda-redes belga. Peyroteo parece estar perto da bola, mas não executou o remate



Em cima, à direita, uma defesa de Capela. A seguir, a Académica marca o 1.º golo. Afonso ainda tentou a defesa... No fundo, nova defesa segura do guarda-redes algarvio



A selecção de todos os países — que perdeu contra Portugal por 4-2



O sr. major Carvalho Nunes, representante do Chefe do Estado, tendo ao lado o sr. capitão Romão, entrega a Olivério Serpa, chefe da nossa equipa, o troféu máximo da Federação Internacional.

PORTUGAL também venceu a SELECÇÃO



A MEIA MILHA

Disputou-se no último domingo a «Meia Milha», com vitória para Guilherme Patrão, do Algés, que se vê em baixo. A seguir, Alfredo Luís Filipe, do Naval de Sesimbra, que obteve um honroso 4.º lugar.



Os nossos velejadores preparam-se para a «Connaught Cup». Deslizam pelo nosso Tejo alguns dos melhores barcos e seus tripulantes.



Um aspecto da troca de lembranças: da Federação de Patinagem go GINÁSIO, que colaborou no festival de encerramento. Armando Freitas e o capitão Santos Romão estão no 1.º plano



Uma fase do jogo Selecção-Portugal, junto à baliza de Emídio



Desportistas que dirigiram vários encontros. Bons colaboradores de excelente organização.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

Futebol

A Gales terminou a série de jogos internacionais do seu calendário de 1949. No último encontro, o quarto, a vovou outra derrota perdendo com a Suíça, em Lausanne, por 4-0.

No final do 1.º tempo, os suíços ganhavam pela diferença mínima.

◆ Depois de vencer o Rapid, de Viena, por 5 a 3, o Austria ficou campeão nacional para 1948-49.

◆ O Arsenal, jogando contra o B. taf go no Estádio de S. Januário, conseguiu empatar com o resultado de 2-2. Antes disso enfrentara o Flamengo e safu derrotado por 3-1 mas o score deve atribuir-se à atitude dos brasileiros que agrediram Macauley, Vallance e o avançado centro B yn Jones, estragando o encontro.

◆ Em seguida a um adiamento provocado pelo mau tempo, realizou-se a meio da semana passada o último desafio a contar para a classificação do Campeonato de França, entre Reims e Sète. Depois de noventa minutos de jogo, o grupo visitante, Reims conseguiu triunfar por 2-1 e sagrou-se campeão para a época de 1948-49.

Em segundo lugar, distanciado de um ponto, ficou Lille e em terceira posição colocou-se Marselha. Será, pois, o F. C. de Reims que enfrentará o F. C. de Barcelona na cidade catalã, no dia 26 do corrente, na semi-final da Taça Latina.

Ténis

Os campeonatos internacionais de Paris, disputados no Estádio Roland Garros, terminaram conforme se presumia, com vitórias americanas.

As finais masculinas, em singulares e pares, couberam, respectivamente a Frank Parker e a este mesmo jogador associado com o campeão dos F. U. A., Panchico Gonzales.

Parker derrotou o outro finalista, Budge Patty, por 6/3, 1/6, 6/1, 6/4 conquistando o almejado título pela segunda vez consecutiva. Na meia-final, desembarçara-se de Sturgess, sul-africano, em três partidas e Patty fez outro tanto a Gonzales, ainda mal aclimatado e fora de forma.

Parker e Gonzales liquidaram a parilha Sturgess-Fannin por 6/3, 8/6, 5/7, 6/3. Foi um desafio rude que entusiasmou o público.

Em senhas, o par Miss Brough e S.ª Dapont-Osborne venceu a associação Miss Gannon-S.ª Hilton, por 7/5, 6/1.

Em singulares, a Sr.ª Hilton derrotou a Sr.ª Watermeyer, por 6/0, 6/2, e no terneio de pares-mistos, Mrs. Summers Sturgess ganharam a Miss Quartier-G. Oakley por 6/1 e 6/1.

NOTA DA SEMANA

CORREU-SE pela 33.ª vez no dia 30 de Maio, como é habitual, a mais importante prova automobilística norte-americana que se denomina «As Quinhentas Milhas de Indianápolis» e foi criada pelos famosos irmãos Chevrolet, fabricantes de veículos impulsionados por motores de explosão.

A pequena capital do Estado de Indiana nesse dia quase sempre falídico torna-se um palco para onde convergem milhares de forasteiros. A assistência regula entre 150.000 e 200.000 pessoas, distribuídas em redor da pista rectangular e instaladas ou nas tribunas ou nos topos dos transportes que as conduziram até ali.

Tal como o Derby d'Epsom, outra prova que se disputou no último sábado, a corrida das 500 milhas tem o colorido e a solenidade dos espectáculos excepcionais, não lhe faltando o cómico e o trágico — este último infelizmente — para cunho da sua importância.

Como o regulamento só admite trinta e três participantes torna-se imperioso efectuar corridas eliminatórias, no percurso de quatro voltas de pista. Os concorrentes que ultrapassarem a média horária de 115 milhas (185,035 km.) serão catalogados por ordem de rapidez eliminando-se aqueles que forem menos velozes.

Durante cinco dias, a partir de 15 de Maio fizeram-se ininterruptamente provas de qualificação.

Os tenores do volante, tais como Duke Nalin, Mauri Rose, vencedor em 1947 e 1948, Bille Holland, etc., foram apurados no primeiro dia, mas a sensação foi o tempo realizado por Johnny Parsons, num carro Kurtis-Kraft, equipado com um motor de 4 cilindros Offenhauser. Este veículo é um intermediário entre os carros «midge» e as viaturas clássicas, ou, por outras palavras, parece um automóvel brinquedo.

Chega a parecer impossível como motores desse género podem pôr em cheque oito cilindros superalimentados, com cilindrada muito maior, mas os factos assim o atestam.

Quase todos os carros são de tração dianteira e até appareceu um, original, com seis rodas, que se qualificou fazendo 208 km. horários.

A pista, traçada em rectângulo, mede cerca de seis quilómetros e meio, sendo necessárias 125 voltas para totalizar a distância da prova.

Preguntarão os profanos para que servirá esta difícil e perigosa corrida, excluído o benefício pecuniário do vencedor e a satisfação da compila.

A resposta é simples. Ali se ensaiam melhoramentos de invenção recente, e novas fórmulas de mecânica, aplicadas mais tarde em viaturas comerciais ao alcance de todos os automobilistas.

Indianápolis é uma banca de prova, enorme, exigente, e temível.

Eis porque constituiu, mais uma vez, o acontecimento desportivo primordial entre vários notáveis da semana finda.

O futebol adquiriu na Inglaterra tal importância como espectáculo de sensação que só a eloquência dos números sabe comunicar ao espírito, o grau da sua grandeza. O relatório já publicado pela Associação Inglesa diz-nos que presenciaram na época de 1948-49, os desafios oficiais da Taça e da Liga, nada menos que 41.271.424 espectadores e, ainda, num só dia, 16 de Outubro, 1.167.446 indivíduos entraram pelos portões dos estádios para ver diversos grupos de onze futebolistas chutar na bola redonda.

Acrecenta o relatório que tais cifras são o máximo jamais registado.

Se acrescentarmos a isto, o volume das entradas — 46.000 — e os 8.000 contos de receita reunidos no último espectáculo de boxe, em White City, não custa nada crer que o desporto seja uma grande força, cubiçada por muitos ambiciosos.

Será por isso que, em certos países, os bárbaros chamaram a si a direcção do seu destino? Bem parece que sim!

Rafael Barradas

Boxe

Alguns resultados europeus: Mickey Laurent e Degouve, dois pugilistas franceses, combateram nas Arenas do Prado, em Marselha e fizeram match nulo, depois de 12 assaltos. No dizer da críia a a decisão favoreceu Laurent.

Em Roma, o peso leveíssimo francês Ray Famechon, derrotou por pontos (10 rds) o italiano Luigi Male.

Em Inglaterra, o australiano Dave Sands conseguiu uma vitória rápida, em menos de um round, sobre o inglês Jackie Jones.

Robert Charron, oposto ao campeão britânico de médios, Dick Turpin, foi declarado batido por desclassificação ao quarto assalto, em Londres.

Na Austrália: Emilio Famechon, irmão de Ray, perdeu em Sydney contra o campeão da Nova G. les do Sul, Jim Holt, por pontos, em 12 assaltos.

Atletismo

As possibilidades dos atletas dos Estados Unidos, no que respeita a provas de grande vulto, continuam a ser verdadeiramente atómicas.

Eis o pano de am-stra da última semana:

Em Des Moines: Eddleman e Lennerston pularam 1,995 em altura; Cooper, L. e Bennet, transpuseram 4,267 à vara; Wasser arrojou o peso a 16,10 e Byll Thompson lançou o disco a 51,89.

Em Abylene: Carter, com vento favorável, correu 220 jardas em 20,4 s. e o barreiraista White cortou a meta no fim de idêntica prova com obstáculos, no tempo de 22,8 s.

Em Cedar Falls: Lindkeugel atirou o disco a 50,71.

Em Palo Alto: Montgomery pulou 4,99 à vara e Held arrojou o dardo a 70,55.

Em Columbus: Whitfield ganhou as 440 jardas em 47,9 s.

Em Santa Bárbara: Lewis fez 51,94 no disco e Wilbur Thompson lançou o peso a 16,79. Em F. ladelfia: Fuchs imitou o antecedente atirando a esfera a 17,03.

Em Newhaven: Burnham enviou o martelo a 51,53.

Em Waco: Rowland percorreu as 120 jardas (barreiras) em 13,1 s.

Enfim, um nuna acabar de resultados extraordinários.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS



BIGICLETAS

«HELIOS»

1 270\$00

«RALLEIGH»

1.990\$00

Peçam novas tabelas

Armando Crespo & C.ª

Rua do Crucifixo, 116 a 124

Telefone 27027 — LISBOA

A época de 1948-49 (I)

Sporting Clube de Portugal

O Campeonato Nacional de Futebol é, por excelência, a competição magna do desporto português. Prova dura e grandiosa em que intervêm as melhores equipas de Portugal, desde o alvorecer do Outono, estendendo-se por todo o Inverno, e só acabando no meio da Primavera!

O torneio há pouco findo diferiu bastante nas suas características de prova renhida e emocionante do Campeonato da época anterior. Enquanto neste imperou até ao derradeiro dia a incerteza quanto ao seu vencedor, terminando empatados os dois favoritos, agora a muitas jornadas do fim, já se conhecia o nome do campeão.

Nem o F. C. do Porto nem o Benfiquense tiveram equipas para acompanhar o ritmo irresistível e triunfal da turma leonina. Nem o Benfica — que no ano passado chegou à meta final ombreado com o campeão!

Esta foi a terceira vitória consecutiva do Sporting Clube de Portugal na prova maior do futebol lusitano. Um triunfo a juntar a oito mais — tal é o «palmarés» dos «leões».

A equipa

O Sporting chegou ao fim fatigado mas indiscutivelmente triunfante. Fadiga natural numa equipa em que não abundam os jovens — tanto nas fileiras dos consagrados como nas reservas.

Dois derrotas algo inesperadas no termo da prova, fizeram diminuir um tanto a larga vantagem de pontos sobre os mais próximos competidores. Mesmo assim, terminou o Campeonato com 5 pontos à melhor em relação ao 2.º classificado.

A eliminação prematura do campeão nacional na 1.ª eliminatória da «Taça de Portugal», contra o já célebre Tirsense, foi o corte, que a muitos surpreendeu, numa magnífica carreira de triunfos em competições de futebol. Nada menos de sete títulos vem o Sporting arrecadando desde que ganhou a «Taça de Portugal» de 1946.

Os «leões» foram arredados numa competição problemática, cansada de jogar e ganhar. Ao longo das 26 jornadas que o Campeonato comporta, o Sporting totalizou 20 vitórias e uma centena de golos! Somente perdeu dois jogos, empatou quatro e deixou entrar 35 bolas.

Uma única vez cedeu pontos no Estádio Alvalade. At alcançaram a elevada média de 5 golos por desfilio. Marcaram 67 tentos — cifra que só é inferior à de 3 clubes... contando estes todos os encontros disputados!

Contribuiu altamente para este brilhante resultado, o grande futebolista que é Fernando Peyroteo. Só ele marcou 40 golos — e mais marcara se mais vezes jogasse! Foi, de longe, o melhor marcador do

Campeonato. O estorilense Mota, que se classificou em 2.º lugar na lista dos marcadores, ficou aquém, com uma diferença de 14 tentos.

Peyroteo, soube mais uma vez, integrar-se magistralmente na toada de jogo dos «leões». Soube jogar e fazer jogar os companheiros. Marcou muitos golos — certa vez, obteve 8, num só jogo! — e ofereceu outros tantos para que os seus camaradas os marcessem também.

O homem que parecia acabado para a Seleção Nacional quando terminou o último Portugal-França, conseguiu por mérito próprio, reconquistar indiscutivelmente o seu lugar no eixo de ataque do «onze» das quinças.

E' por demais conhecido que é a linha avançada o grande trunfo do Sporting. A «asa» esquerda, formada pelos irrequietos Travaços e Albano operou maravilhas, desconcertando os adversários com as suas constantes permutas de lugar e rapidez de pernas. Vasques, que continua a substituir Araújo no «onze» nacional, sem vantagem a esta parte, teve algumas actuações de grande mérito. Está veloz e rematador. Jesus Correia jogou a maioria de vezes em má condição física. Armando Ferreira, seu substituto, soube adaptar-se às circunstâncias com brilho. O facto valeu-lhe a «internacionalização» que ninguém preveria aqui há uns tempos atrás...

A linha média, bem como a defesa, melhorou imenso em relação à época transacta. Canário — excelente, tapando muitas falhas vindas do outro lado. Juvenal teve um começo de época promissor, impondo-se pelo seu jogo viril e eficaz. Manuel Marques — um «posicionalista» de grande valor. Barrosa — esf.çado e duro, a fazer um lugar de recurso. Dos «reservas», Passos distinguu-se. Nas redes, João Azevedo continua desafiando o tempo. Um grande «keeper» em qualquer parte.

Números e curiosidades

O Sporting obteve os seguintes «performances» indicando-se entre parenteses os resultados do Campeonato anterior:

1.º no melhor «goal-average» — 65 golos de diferença entre os metidos e sofridos (1.º com 52); 1.º na totalidade dos golos marcados — 100 (1.º 92); 2.º em golos sofridos — 35 (3.º 40). Obteve ainda o máximo de vitórias em «casa» e «fora», igualado, no primeiro caso, pelo F. C. do Porto, e no segundo, pelo Benfica. Sofreu uma única derrota em «casa» (infringida pelo F. C. do Porto, que também só perdeu um jogo no seu campo) e 3 derrotas em terreno alheio.

Os cem golos do Sporting foram marcados pelos seguintes jogadores (indica-se também entre parenteses a estatística do último campeonato): Peyroteo, 40 (14); Travaços, 17 (15); Vasques, 13 (o melhor marcador leonino de 1948, com 18); Albano, 12 (12); Jesus Correia, 10 (14); Sérgio, 3; Martins (3) e Armando Ferreira, 2; Canário, 1.

ESTORIL

COSTA DO SOL
(A 23 QUILOMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal
Rápido serviço de comboios eléctricos

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), Tennis, Hipismo,
Natação, Esgrima, Tiro, etc.

HOTEIS:

ESTORIL-PALACIO HOTEL

Luxuoso e confortável—Magnífica situação

HOTEL DO PARQUE

Boa instalação—Anexo às Termas e Piscinas

MONTE ESTORIL HOTEL

(antigo Hotel de Ilália)

Ampliada e modernizada

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisio-
térmico. Laboratório de análises clínicas.
Gimnástica Médica. Meçagens

TAMARIZ:

Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar

Piscina de água tépida — Sala de armas
Escola de equitação — «Stands» de Tiro

CASINO

Aberto todo o ano
Cinema - Concêrto - «Dancing» - Restaurante - Bars
Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL

A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO
Rua Eduardo Coelho, 22-C

Telef. 30078

LISBOA

NO PORTO



Um avançado francês procura rematar. E remata. E Syaenal, que dominou Pires.



Os Portuenses jogaram contra Paris em andebol. Empataram 4-4. As duas equipas



Num excelente ataque à baliza do Vilanovense, obteve Campos, para o F. C. Porto, um golo de efeito. Este jogo contava para o campeonato nacional de andebol.



Estávo em Lisboa o «Rapids», de Viena de Austria, que se dirige ao Brasil. Os austriacos, porém, saíram do Aeroporto e foram assistir aos jogos do Estádio de Alvalade, entre o Sporting e os belgas. Eis um documento da sua passagem por Lisboa.

Em cima: Para o campeonato de Portugal - Ferroviários de Campanhã venceram Académica de Coimbra. Um golo de Pires. A seguir: No festival de ginástica do Sport Clube. Um exercício em paralelas, correctamente executado por um ginasta da popular colectividade.



ACTIVIDADES DA F. N. A. T.

O conjunto da Casa H. Vaultier & C.ª que bateu o da F.ª de Cortume Paulo da Silva Ranito, de Porto, por 2-1, conquistando assim o Campeonato Nacional de Futebol Corporativo pela 4.ª vez consecutiva. Da esq. para a direita, no 1.º plano: Arlindo, Lette de Sousa, Franco, Carvalho e Amílcar. No 2.º plano: Gomes, Tamagnini, Jaime, Silvério, Santos e Sidónio. Ao lado: Uma fase de perigo para as redes da Fábrica Ranito.